

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS NORDESTE  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPOS BELOS  
CURSO DE LETRAS

LAUREZY CARVALHO DE MOURA

**A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA PARA A  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL**

Campos Belos – GO  
2023

LAUREZY CARVALHO DE MOURA

**A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA PARA A  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Nordeste, Unidade Universitária de Campos Belos, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos

**Orientador:** Profa Esp. Carlos Fernandes Alves

Campos Belos – GO

2023

## A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA PARA A FORMAÇÃO INTERCULTURAL<sup>1</sup>

**Laurezy Carvalho de Moura<sup>2</sup>**

Universidade Estadual de Goiás - UEG  
UnU Campos Belos – GO

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância dos materiais didáticos usados nas aulas de língua inglesa para a formação intercultural tanto do professor quanto do aluno, haja vista a diversidade das salas de aula do Brasil. Além disso, também temos como objetivo, refletir sobre o papel do professor na dissipação de preconceitos. Para dar robustez às nossas discussões, traremos para o debate as ideias de Almeida Filho (2007, 2008 e 2013), Paiva (2011), Mendes (2007), Rojo (2013), dentre outros autores. Dessa forma, nesse estudo de cunho bibliográfico, percebemos que os materiais didáticos contribuem para ampliar as noções entre língua e cultura, além de contribuir para desenvolvimento do senso crítico.

**Palavras-chave:** Materiais didáticos. Formação. Interculturalidade.

**ABSTRACT:** The present work aims to discuss the importance of teaching materials used in English classes for the intercultural training of both teachers and students, given the diversity of classrooms in Brazil. Furthermore, we also aim to reflect on the role of the teacher in dispelling prejudices. To give robustness to our discussions, we will bring to the debate the ideas of Almeida Filho (2007, 2008 and 2013), Paiva (2011), Mendes (2007), Rojo (2013), among other authors. Thus, in this bibliographical study, we realized that teaching materials contribute to expanding notions between language and culture, in addition to contributing to the development of critical sense.

**Keywords:** Teaching materials. Training. Interculturality.

### Considerações Iniciais

As aulas de língua inglesa na educação básica ainda acontecem de maneira conflituosa, por sua forma enrijecida e condicionada às demandas dos documentos referenciais das redes de ensino. Na maioria das vezes, também, o professor preza pelos aspectos gramaticais em

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso elaborado sob a orientação do Professor Especialista Carlos Fernandes Alves como quesito para conclusão do Curso de Letras. Professor EBTT Substituto do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Uruaçu e Docente Substituto do Curso de Letras, UEG - Unidade Universitária de Campos Belos.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Campos Belos. E-mail:

detrimento dos aspectos culturais e contextualizados. Desse modo, o objetivo das aulas de língua estrangeira, que consistia em tornar os alunos capazes de compreender e produzir enunciados na nova língua assim como lançar um outro olhar sobre a língua em suas dimensões sociais e culturais, é deixado de lado.

Sabemos que a sala de aula é um ambiente multifacetado, plural e permeada de experiências que podem corroborar para um ensino eficaz se o professor tiver formação adequada para atender às demandas da Língua Estrangeira (doravante LE) e do público. Assim, estamos diante de duas máximas: o aluno com suas vivências, crenças, à espera de uma abordagem significativa e o professor de LE, um sujeito também histórico possuidor de aporte teórico diante das novas exigências dos agentes que, fora da LE, precisam aprender, mas sem deixar de lado aquilo que lhe caro do ponto de vista cultural.

Aprender inglês tem se tornado essencial no Brasil. Seus objetivos para fins turísticos, ganhar uma bolsa de estudos no exterior, se tornar um estudante ativo, fazer o vestibular para ingressar na universidade, entre outros, estão no bojo nas benesses. No entanto, muitos alunos não se veem interessados nisso. Na realidade, a experiência de uma língua estrangeira é incrivelmente benéfica, encorajando o aluno a expandir seus horizontes, e ele explorará a nação onde a língua é usada, desde a leitura de artigos escritos em uma língua estrangeira até a obtenção de conhecimento, mas ainda há desafios.

Com isso, nosso olhar é reconhecer a relevância de tratar dos aspectos culturais no ensino de língua estrangeira, mais especificamente de língua inglesa, uma vez que eles são responsáveis pelos direcionamentos e imersão dos alunos nesta língua tão difundida. Com isso, nosso objetivo é refletir sobre a importância dos materiais didáticos – sejam eles livros didáticos, vídeos, jogos, cartazes, etc. – na formação intercultural dos alunos e dos professores, haja vista que o processo não se dá de forma unilateral.

Pensar, dessa forma, é também reconhecer que em uma sala de aula há um conjunto de indivíduos de culturas diferentes, que por si só já geram embates. Assim, ensinar outra língua consiste em adicioná-los em mais um contexto linguístico repleto de características que podem contribuir para incluí-los ou segregá-los, dependendo da abordagem do professor e dos materiais usados.

O aluno precisa se sentir parte do processo. Perceber que sua singularidade é valorizada e, a partir disso, ele (re) construir significados e respeitar as outras vivências, vocabulários, crenças ao interagir com o outro. A interculturalidade permeia esse ambiente, pois ela possibilita conhecer e respeitar as identidades de cada povo, porém, sem anular a sua. Aqui, o

professor precisa ter uma formação basilar para que possa levar experiências mais significativas.

Tendo em vista isso, nosso trabalho, que possui cunho bibliográfico, está organizado em três seções. A primeira versará sobre um dos principais materiais: o livro didático, uma vez que ele é proposto pelos sistemas de ensino (como regra). Os apontamentos serão breves, com vistas a mostrar um pequeno panorama. Em seguida, abordaremos outros materiais e sua relação com a interculturalidade. E, por fim, a formação intercultural advinda do uso desses materiais, discutindo sobre suas contribuições e características.

### **1. Livros Didáticos de Língua Inglesa: um pequeno recorte**

Presente na parte diversificada do currículo, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira (LE) no ensino fundamental, é assegurado pelo artigo 26, no parágrafo 5º, da Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual é ofertada a partir do sexto ano. Em consonância com as demais disciplinas, a LE, como prevê os PCN's, contribuirá para o desenvolvimento integral do letramento do aluno, ou seja, tornara-lo capaz de compreender e produzir enunciados no novo idioma e, também, auxiliará na formação do aluno enquanto indivíduo. Dessa forma, a Língua Inglesa se estabeleceu devido

[...] sua função ideológica, uma vez que existe uma aceitação geral de que a língua inglesa carrega consigo “ideias modernas”, constituindo-se em uma porta de acesso a valores interpessoais, sociais e culturais que possibilitam maior capacidade de comunicação, melhor educação e, por consequência, um melhor padrão de vida. (Donnini; Platero; Weigel *apud* Report, 2011, p. 8)

Com isso, percebe-se o status que a Língua Inglesa possui, pois, ela passou a ser difundida devido ao grande número de falantes, favorecendo no desenvolvimento das relações comerciais e pessoais entre países de idiomas distintos, mas que mantêm a Língua Inglesa como “língua internacional”.

De acordo com Almeida Filho (2008, p. 11), “Aprender uma nova língua na escola é uma experiência educacional que se realiza para e pelo aprendiz/aluno como reflexo de valores específicos do grupo social ou étnico que mantêm essa escola”. Por isso, é necessário

expor à baila as necessidades específicas dos alunos no momento de escolher as metodologias, abordagens e ensino e aprendizagem, para que os alunos entrem em contato

com a língua e consigam sanar eventuais dúvidas e interagir, além de criar vínculo e gosto em conhecer e estudar uma LE.

É nesse contexto que os materiais didáticos surgem. Eles são importantes e contribuem para o ensino e aprendizagem. No caso da educação básica, os livros de língua inglesa – principais instrumentos – por exemplo, foram incluídos no Programa Nacional do Livro Didático em 2011, segundo Sarmiento (2016) esse foi um grande avanço para o ensino de línguas no país, haja vista que neste momento equiparou-se as LE aos outros componentes curriculares que já tinham livros didáticos há anos.

O livro didático foi definido, naquela ocasião, como o livro possuído e utilizado pelo aluno e pelo professor e que, via de regra, é seguido sistematicamente como base do curso ministrado. Essa definição tenta abarcar aspectos do uso do livro didático de inglês, ressaltando quem o usa (o aluno e o professor), como é usado (sistematicamente), e para que é usado (como base do curso). Entretanto, essa mesma definição não considera a multiplicidade de agentes envolvidos no processo iniciado na sua concepção e que se estende até o descarte do material pelo professor e pelo aluno. (Silva, 2012, p. 99).

No entanto, os materiais didáticos de língua inglesa direcionados aos professores já se proliferavam há décadas. Paiva (2011) delinea em seu trabalho *História do Material Didático*, os principais momentos e materiais adotados para se trabalhar a língua inglesa e a natureza de suas abordagens.

Os primeiros livros de língua inglesa, ainda conforme Paiva (2011), eram centrados em pequenos vocabulários, estruturas gramaticais e tradução. Somente em 1977 apareceram os primeiros materiais com foco na abordagem discursiva. Percebe-se que é uma caminhada longa até chegarmos nas discussões sobre cultura e línguas que permeiam os estudos atualmente e indispensáveis para a formação do professor intercultural.

Dessa forma, o PNLD, que é um dos programas do Fundo Nacional do Livro Didático (FNDE), órgão federal do Ministério da Educação (MEC) encarregado de implementar políticas para o desenvolvimento de programas e iniciativas destinadas a melhorar a educação em nosso país, vem se desenvolvendo com bases em pesquisadores em sua composição de autores. Apesar da longevidade do programa, a adição de idiomas adicionais é muito recente. As chamadas iniciais foram emitidas em 2008 e 2009 para a Escola de Ensino Fundamental PNLD (EF) 2011 e para a Escola de Ensino Médio PNLD (EM) 2012. As chamadas seguintes foram lançadas em 2011 e 2013 para o PNLD EF 2014 e o PNLD EM 2015, respectivamente.

Em termos de política educacional, a inclusão de um componente curricular de língua estrangeira no PNLD é um passo adiante, uma vez que requer um compromisso financeiro

significativo para disseminar livros didáticos nas escolas públicas em todo o Brasil. Estes esforços visam melhorar a qualidade dos livros didáticos e equipar os estudantes e professores brasileiros com habilidades críticas e ativas de cidadania.

No que tange às suas temáticas, os livros didáticos de LE, mesmo que ainda não estando acessível – em termos linguísticos – aos alunos, já trazem apontamentos sobre culturas e diversidade. Cobertt (2003) argumenta que língua e cultura possuem uma ligação que contribui para o debate e negociação e, com isso, pode contribuir para a formação do professor. Nesta mesma linha de pensamento, Oliveira (2007) defende que

cultura, língua e identidade encontram-se de tal modo entrelaçadas que é impossível discutir o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural através do ensino de uma segunda língua, sem entendermos como esses conceitos se revelam para o professor de LE. O fato de os professores serem falantes linguisticamente competentes da segunda língua nos leva a crer que eles também possuem uma CCI<sup>1</sup> desenvolvida e, possivelmente, aprenderam a ser. (Oliveira, 2007, p. 61).

Depreendemos, pois, que a língua inglesa carrega consigo um aglomerado de vicissitudes, principalmente pelo fato de ser a língua do maior imperialista do mundo e que não é interesse de muitos americanos que se ensine de modo intercultural. Aliado a isso, o papel do professor de LE é lançar mão destas noções e do livro didático para efetivar sua prática pedagógica ao relacionar com seu aluno, ao interpretar as relações culturais e reconhecer que depende de subsídios para conseguir interagir com os alunos. Dessa forma,

[...] é preciso compreender o LD como artefato da indústria cultural, em que se materializa a relação entre linguagem e poder. Nele identidades são construídas pelas múltiplas estratégias, e algumas delas estereotipam através da linguagem, fixam discursos de dominação e demonstram escolhas discursivas, de acordo com determinados interesses, como nos narram Farias e Ferreira (2010) e Ferreira e Camargo (2013). (Nascimento, 2016, p. 23).

Para embasar essa afirmação, temos as Orientações Curriculares Nacionais também advogam sobre as questões relativas ao ensino de LE e sua interação com as culturas regionais e locais, baseando-se “numa visão heterogênea, plural e complexa da linguagem, de cultura e de conhecimentos, visão essa sempre inserida em contextos socioculturais” (Brasil, 2006). Dessa forma, a formação do professor deve ser sólida e também calcada em preceitos culturais, na diversidade linguística e competência intercultural. Pois, afinal, segundo Silva (2015) ensinar uma LE,

sem ensinar sua cultura acarreta um aprendizado incompleto e impreciso. Acredita-se que, ao aprender uma nova língua, o indivíduo poderá ampliar sua visão de mundo, uma vez que a aquisição de uma língua estrangeira pode auxiliar na constituição da autopercepção do indivíduo como ser humano e como cidadão. Conhecer uma cultura diferente é um preâmbulo para compreender e respeitar as pessoas dessa cultura e suas diferenças. (Silva, 2015, p. 9).

Nessa perspectiva vemos que há uma indissociabilidade entre língua e cultura, haja vista que a primeira funciona como “porta-voz” da segunda, que por sua vez expressa os anseios, as crenças, experiências culturais de um dado povo, como aponta Jordão (2006). Assim também acontece com o ensino de língua inglesa, pois não é somente uma transmissão de estruturas linguísticas, mas um repasse de histórias, identidades e de outros aspectos culturais que ela carrega.

Atualmente, com novas discussões, pesquisas e com os documentos oficiais dos sistemas de ensino, já percebemos perspectivas (inter) culturais nas abordagens. Araújo (2023), por exemplo, analisa a coleção *Way to english for brazilian learners* e verifica de que forma são tratados algumas temáticas raciais, hábitos, costumes e até a relação brasileira com as demais culturas. Nos deteremos a esse pequeno recorte, haja vista que nossos apontamentos se alargarão nas seções seguintes.

Assim, do mesmo modo, utilizamos também as vivências dos alunos para aproximá-los da língua, rompendo com a visão monocultural e aculturadora. Além do conhecimento linguístico, cultural, didático-pedagógico e metodológico, percebe-se o aprendizado requer uma reflexão sobre a variedade da língua, devido ao grande número de indivíduos que o utilizam como língua nativa, que é considerada uma língua de aprendizagem.

## **2. Materiais didáticos e sua relação com a interculturalidade**

Durante as últimas duas décadas, as pesquisas em Linguística Aplicada (LA) sobre o ensino de línguas se concentrou em uma variedade de temas, incluindo materiais didáticos. Elas examinam diferentes tipos de materiais, incluindo livros didáticos, apostilas, fascículos, cadernos para professores e alunos, e sequências didáticas. Ramos (2009, p. 175) descreve:

(...) os materiais didáticos podem ser linguísticos, visuais, auditivos, cinestésicos e podem aparecer em diferentes formas (impressos, cassetes, CD-ROMs, DVDs, ao vivo etc. Podem, ainda, ser instrucionais (quando criados exclusivamente para fins pedagógicos); experimentais (quando fornecem exposição à língua em uso); elicitativos (quando estimulam uso da língua); exploratórios (quando buscam descobertas sobre a língua em uso).



Dessa forma, vemos que os materiais são diversos e podem funcionar em diferentes planejamentos. Conforme Rojo (2013), os resultados de seu último estudo demonstram a importância dos materiais didáticos impressos nas práticas docente. Por outro lado, Barros e Costa (2010, p. 90) advertem que as referências dos estudos sobre o processo de desenvolvimento de materiais para o ensino de línguas estrangeiras ainda é escassa, reiterando a necessidade de expandir a pesquisa neste campo.

Nesse contexto, a educação intercultural implica uma reflexão crítica sobre as práticas formadas no ambiente escolar, uma das quais perpassa a preparação de materiais didáticos. Eles servem como mediadores entre os participantes do processo educacional e outros mundos, sendo fundamental que o professor tenha a liberdade de (re) construí-lo a partir de um ponto de vista intercultural. Assim, para que as escolas se tornem lugares de mudança social que contribuam para a criação de cidadãos críticos, é necessário haver uma ligação entre a formação de professores e o processo de escolha/produção de material.

Os recursos não devem ser vistos como o único instrumento neste contexto, mas sim como uma das muitas opções para desenvolver um esforço pedagógico eficaz. Os professores, devem estar preparados para escolher, reescrever, complementar, modificar e aplicá-los de forma crítica, a fim de atender às exigências de seus alunos. Assim, a seleção de materiais didáticos para a sala de aula é crítica e deve ser orientada por certos critérios culturais e sociais da comunidade escolar e, mais especificamente, do grupo específico de alunos.

Almeida Filho (2013) oferece um comentário sobre o processo de criação e utilização de materiais didáticos no qual ele vê o processo como metaforicamente semelhante a compor uma partitura para ser interpretada em apresentações dentro da materialidade da classe e suas expansões.

Ações premeditadas assumem que todo material é conceitualizado e traz, explícita ou implicitamente, as concepções filosóficas, teóricas e didático-metodológicas daqueles que o criaram, cuja abordagem do ensino também incorpora um conceito de linguagem, de aprendizagem de línguas e uma expectativa de como os professores de línguas devem proceder (Almeida Filho, 2013, p. 23).

Percebendo a ampliação das pesquisas, o mercado de materiais de ensino de línguas estrangeiras no Brasil mudou significativamente desde a inclusão do moderno componente curricular de línguas estrangeiras no PNLD em 2008, o que possibilitou o registro de materiais de ensino de inglês e espanhol para seleção e adoção em escolas públicas de todo o país.

Ao perceber o ensino de LE como um local de encontro e discurso entre culturas, as relações formadas no ambiente escolar podem facilitar ou obstruir este encontro. As sociedades são fundamentalmente E culturalmente diversas, e a compreensão e apreciação deste fato contribui para a criação de uma visão de mundo intercultural baseada no desenvolvimento dos cidadãos.

Estas ideias podem orientar os professores ao escolherem um livro didático para usar, ou ao desenvolverem materiais na ausência de um livro didático, acreditarem na necessidade de criar conteúdo direcionado para os objetivos específicos de seu grupo de alunos. Com isso, contribuirá a formação intercultural eficiente.

Barros e Costa (2010) discutem as vantagens de os professores desenvolverem seus próprios materiais, incluindo a capacidade de trabalhar mais especificamente com o público-alvo, maior coerência entre a perspectiva metodológica do professor e as atividades propostas, flexibilidade no sequenciamento, organização do conteúdo e maior densidade no tratamento dos temas.

[...] a relevância e a utilidade de qualquer material didático dependem das características da disciplina e dos objetivos que se pretendem alcançar. Para um curso de língua estrangeira, por exemplo, recursos audiovisuais podem ser mais convenientes e produtivos em determinados momentos do que o livro didático. (Barros e Costa, 2010, p. 88).

A capacidade de produzir e modificar conteúdo é fundamental para atingir o objetivo educacional do ensino de línguas. Ao mesmo tempo, ter materiais preparados de acordo com as ideias educacionais brasileiras não é suficiente se o professor não tinha conhecimento de como manuseá-lo. Dessa forma, a formação intercultural para professores de LE é fundamental para desenvolver ou adaptar materiais didáticos que sejam sensíveis a este ponto de vista.

### **3. A formação intercultural em pauta**

As complexas realidades e dificuldades do sistema educacional precisam de um novo perfil do professor, bem como de formações para apoiá-lo. Este perfil inclui diferentes tipos de conhecimentos e funções do que aqueles tradicionalmente assumidos, revelando a necessidade de uma formação de professores mais abrangente, integral, renovada não apenas no conteúdo, mas também nas estratégias, condições materiais e espaço; uma formação que se desenvolva em um contexto multicultural e intercultural para que possa oferecer um ensino mais eficaz.

Nesse contexto, a abordagem intercultural é fundada no reconhecimento da variedade cultural entre todos os membros da sociedade, não apenas grupos minoritários. Além desta

consciência, as ações baseadas na escola podem ajudar na consciência de que a diversidade que nos distingue deve ser vista favoravelmente, promovendo respeito e oportunidades iguais, e convertendo as escolas em lugares de mudança social.

A interculturalidade é definida como um processo dinâmico de troca entre culturas diferentes. Assim compreendida, ela é um conceito relativamente novo. Por outro lado, no que se refere à sua presença objetiva na sociedade – ela é um fato. Sempre fomos membros de grupos culturais heterogêneos e nossos contatos e trocas ocorreram por meio do comércio, de conquistas ou da colonização – e o termo “interculturalidade” abre aqui uma nova perspectiva, a de “pontos de vista que se entrecruzam”. (Janowska, 2020, p. 42).

De acordo com o exceto, podemos dizer que o professor deve primeiro reconhecer que as sociedades são construídas de forma heterogênea, que cada pessoa tem características únicas e que, embora algumas possam ser reunidas por um fio que esbate suas distinções, cada pessoa será distinta. Discriminação, racismo e xenofobia devem ser erradicados da atmosfera educacional e, com isso, muitos dos materiais didáticos utilizados e/ou planejados podem trazer tais temáticas, fazendo com que a aula seja reflexiva e, não somente, tradutória. Como resultado, o professor poderá fazê-los crescer, pois, para incentivar uma visão intercultural, ele deve, primeiro, ser multicultural. Nessa perspectiva,

o papel preponderante que exerce o professor é traduzível no seu contínuo esforço por criar caminhos de aprender e de adquirir para os alunos, de prever obstáculos (suavizando o encontro final com realidades linguístico-discursivas multissistêmicas), de premeditar experiências, criando climas favoráveis, oferecendo segurança ou proteção, desafio justo, desequilíbrios necessários, informações auxiliares e possibilidades de tomada de consciência sobre o complexo processo em andamento. Para atuar nesse nível de complexidade, o professor precisa se formar e/ou ser formado por outros. (Almeida Filho, 1997, p. 2).

A abordagem intercultural no ensino de LE requer um conjunto de medidas destinadas a reconhecer a variedade que nos torna quem somos e a combater atitudes discriminatórias em relação aos outros. Para isso, a escolha dos materiais didáticos deve ser repensada, e todos os envolvidos no contexto escolar devem contribuir para que o currículo, planos de ensino, planos de aula, avaliações e outros aspectos do processo pedagógico sejam concebidos de forma a promover atitudes críticas e compreensão entre as pessoas.

A fim de repensar o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras à luz desta realidade, um número crescente de estudos tem sido publicado nos últimos anos que procuram refletir sobre o papel político e social do ensino e aprendizagem de línguas, enfocando questões como

diversidade cultural, relações de poder e construção de identidade. No entanto, quando se trata do assunto cultural, podemos ver que ele continua a desempenhar um pequeno papel nas investigações.

Esta marginalização, que tem sido evidente nas instituições de pesquisa em LE por muito tempo, tem tido repercussões nos métodos em sala de aula. Mendes (2007), enfatiza a necessidade de acrescentar o componente cultural na pedagogia das línguas, o que inclui o processo de ensino/aprendizagem, bem como as interações entre os sujeitos que falam várias línguas e culturas. Da mesma forma, Figueiredo (2010) defende que

A comunicação intercultural está, portanto, relacionada à ideia de identidade e interação. O falante intercultural é, portanto, alguém que, por estar consciente de sua própria identidade e cultura, é capaz de estabelecer relações entre culturas e mediar através de diferenças culturais, as explicando, as entendendo e as valorizando. (Figueiredo, 2010, p. 16).

De fato, observa-se que os métodos educacionais e uma grande proporção de materiais didáticos utilizados em sala de aula continuam a perpetuar concepções reducionistas e tendenciosas de cultura. Silva (2015) observa que os professores estão destinados a utilizar um livro didático defeituoso, cabendo-lhes então preencher as lacunas e remediar as falhas. Como resultado, é vital reformular os fundamentos teóricos sobre os quais nosso trabalho se baseia e desenvolver novas ideias e técnicas de ensino e aprendizagem de LE, ao mesmo tempo em que se enfatiza a diversidade cultural e as realidades de nossos alunos.

Assim, os educadores da sociedade atual devem entender como utilizar o potencial da diversidade para aumentar o aprendizado e orientar os estudantes a viverem em uma sociedade complexa, variada e multicultural. As aulas de Língua Inglesa são lugares ricos para discutir sobre isso, não apenas a dualidade britânico x americano, mas aproximar a língua de contextos, vivências, experiências e desafios.

Para começar, porém, devemos refletir sobre a formação de professores e o desempenho futuro como gerentes de mudança – ainda que não sejam os únicos responsáveis – levando em conta seu papel na sustentação ou quebra dos estereótipos existentes na imaginação dos estudantes e muitas vezes dos professores. Em seguida, como as aulas são planejadas e quais materiais são utilizados.

No que diz respeito à utilização de materiais autênticos, o professor deve atentar para a devida compreensão do contexto e das intenções do seu autor ou seus autores. Também é de suma importância que esses materiais provenham de diversas fontes e que apresentem pontos de vista diferentes, o que possibilita a comparação entre eles e

uma análise crítica. O processo de ensino baseado em tais materiais consiste principalmente na sua compreensão e em seguida, na elaboração de respostas orais e/ou por escrito. Contudo, o objetivo principal do trabalho com estes materiais continua sendo o desenvolvimento do pensamento crítico e, em menor grau, a assimilação das informações apresentadas. (Janowska, 2020, p. 52).

Na citação, Janowska (2020) chama atenção sobre o tipo de material que levaremos para a sala de aula, enquanto professores de Língua Inglesa. É necessário que sejamos conscientes nessa escolha e pensar nos resultados e/ou consequências que isso gerará. Com isso, conforme Almeida Filho (2008), adotar uma abordagem de formação reflexiva na qual nos organizemos sistematicamente para refletir/pensar/analisar o ensino e aprendizagem se torna primordial.

Da mesma forma, Leffa (2008) corrobora esta exigência observando que o professor ideal de língua estrangeira deve ser atencioso, analítico e dedicado à educação. Assim, a formação intercultural de professores de LE e os seus discentes se torna muito importante, uma vez que eles se confrontarão com um universo de diversidade no trabalho escolar, sobretudo, em outra língua.

Por outro lado, muitas vezes o professor aborda o problema cultural além do problema da língua em sua preparação, mas a interculturalidade não pode ser aprendida como um conjunto de tradições, hábitos ou características incomuns de um lugar ou cultura. O simples fato de estarmos conscientes das idiossincrasias de uma cultura não indica que teremos uma compreensão suficiente dela para nos engajarmos no discurso intercultural. Ao fazer isso, o professor funciona como um propagador de preconceitos culturais e não garante uma boa colaboração em sala de aula. Para isso,

A formação de competências interculturais consiste em uma mudança de postura: em vez de rejeitar uma cultura, passa-se a aceitar a riqueza cultural. O que não é um processo fácil, mas possível de ser realizado. Por isto, apresento em seguida que tipo de materiais e ferramentas podem ajudar o professor a atingir este objetivo de maneira efetiva e que estratégias irão, de fato, auxiliá-lo no desenvolvimento das competências interculturais. (Janowska, 2020, p. 52).

Enfatizando a formação de professores, Paraquett (2010) apresenta o seguinte desafio para os formadores: Estamos preparados para ajudar nossos alunos a ver a língua/cultura inglesa como uma língua que lhes permitirá viver em sociedades mais multiculturais? Segundo o autor, se a resposta for positiva, somos educadores interculturais, pois teremos compreendido o conceito conforme proposto.

A interculturalidade, assim, envolve contato, solidariedade, reconhecimento mútuo, correspondência, direitos humanos e sociais, assim como o respeito à dignidade de todas as culturas. Dessa forma, mais do que uma ideologia (que é), a interculturalidade é vista como um conjunto de princípios que são antirracistas, antissegregacionistas e têm um potencial significativo de igualitarismo. De acordo com a visão intercultural, aprender sobre os métodos de vida e de pensamento de outras culturas nos aproxima.

Com isso, os professores devem estar cientes do que ocorre dentro e fora da sala de aula, a fim de exercerem politicamente sua profissão. Embora as escolas nunca tenham sido homogêneas, o termo "diversidade" nunca foi tão declarado e promovido como agora, tanto dentro como fora do ambiente acadêmico.

De acordo com Maher (2007), o multiculturalismo está se tornando mais prevacente nas salas de aula brasileiras. Se antes era mais simples desconsiderar a variedade que sempre definiu o ambiente educacional na nação, sua magnitude atual obriga os acadêmicos e educadores a reconhecê-la, a priorizar a variedade. Não é mais viável tentar compreender nossas escolas sem considerar suas disparidades.

Assim, percebe-se que os fatores que envolvem a diversidade são determinantes para que a escola tenha se transformado num espaço de lutas, conflitos, divergências, dilemas, contradições, afinal, diferentes contextos sociais, culturais e econômicos podem e, muitas vezes, precisam conviver no mesmo espaço. Por outro lado, essas diferenças, conforme trabalhadas podem ser possibilidades de reflexão, aprendizagem e crescimento não só para os alunos, mas também para os professores. Logo, cabe à escola e seus professores proporcionar uma forma de comunicação que leve em consideração a diversidade e as diferenças que compõem a sala de aula. (Cantarelli e Genro, 2016, p. 284.

Podemos ver que a diferença está na raiz de todo processo social e não poderia deixar de estar também na escola. Como Mendes (2007) aponta, ser e agir interculturalmente implica um desejo em contribuir para a transformação do mundo que percebemos, com todas as suas peculiaridades, em nosso próprio, unindo-nos e dividindo-nos. Para promover o diálogo intercultural, não é necessário ser o outro; ao contrário, é necessário compreender plenamente o outro, reconhecer que as diferenças não precisam ser uma fonte de controvérsia, pois são uma parte natural da condição humana, e que saber como lidar com elas determina a validade de nossa ação intercultural.

Todos os professores, seja em universidades ou escolas da educação básica, devem estar cientes de seus papéis sociais e políticos para poderem afirmar seus direitos e fazer um trabalho de qualidade. Evitando a reprodução das disparidades socioeconômicas, os educadores reconhecem que a educação não pode ser divorciada das realidades sociais, culturais e políticas,

e que cabe a nós, via discussão, facilitar reformas entre culturas onde a coexistência pacífica de muitas identidades não é possível.

### **Considerações Finais**

As visões que construímos em relação ao ensino de inglês quando estamos na universidade é bastante tortuosa. Enquanto acadêmico, a preocupação principal em relação as disciplinas de Língua Inglesa do curso, era saber diferenciar sons – ponto de vista fonético – conhecer pronúncias, pelo prisma britânico ou americano e saber os conteúdos gramaticais expressos no material adotado pela ementa.

Em resumo, antes de desenvolver materiais interculturais para o ensino de inglês nas escolas brasileiras, é vital reconhecer o aspecto político da posição do professor e focalizar as práticas pedagógicas para uma apreciação da variedade cultural que sustenta nossas diferenças. Assim, tanto o docente quanto o material procurariam promover a conversação e a integração com o outro, como visto nas trocas discursivas da sala de aula.

Atitudes discriminatórias ou preconceituosas devem ser combatidas e substituídas por uma apreciação da diversidade como partes integrantes das identidades que nos definem e que estão sempre em fluxo. Assim, um material intercultural requer um professor intercultural para que possam trabalhar juntos a fim de efetuar mudanças na educação, particularmente no ensino de inglês.

Para que isto seja possível, os programas de ensino superior que se concentram na formação de professores devem abordar estas questões, possivelmente reformulando seus projetos político-pedagógicos, a fim de preparar um perfil de professor que atenda às necessidades de melhorar a qualidade da educação e o desenvolvimento holístico de nossos jovens estudantes. Como observado pelo PCN (1998; 2002) e pelo OCEM (2006), é vital educar os estudantes para conectar o conhecimento teórico à prática, produzindo pensamentos críticos e construtivos em apoio ao exercício cívico.

Outro aspecto que deve ser valorizado na educação dos professores de LE é a relação entre teoria e prática, que deve ser reflexiva e dinâmica, envolvendo professores, estudantes, escolas e a comunidade além da universidade, e deve fomentar momentos constantes de reflexão sobre estas práticas e sobre os conhecimentos teóricos derivados dos estudos da língua e sobre a língua.

Como resultado, somos responsáveis diante do desafio de oferecer de LE no Brasil com profissionais verdadeiramente preparados e capazes de despertar a consciência crítica de

nossos jovens e a participação cidadã no cenário sociopolítico brasileiro através do diálogo intercultural.

Seria interessante se os cursos de graduação repensassem e reformulassem suas estratégias político-pedagógicas para incluir as perspectivas multi e interculturais em suas matrizes e/ou nas referências básicas da disciplinas do curso. É importante nestas dificuldades pois se o professor tem preconceitos sobre idioma/cultura, como ele pode trabalhar na sala de aula para desconstruir as perspectivas coloniais de seus alunos e incentivar um diálogo intercultural significativo? A resposta reside no diálogo.

## Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Codificar conteúdos, processos, e reflexão formadora do material didático para o ensino e aprendizagem de línguas. In: PEREIRA, A. L. e GOTTHEIM, L. (Org.). **Materiais didáticos para ensino de língua estrangeira**: processos de criação e contextos de uso. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2013.

\_\_\_\_\_, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5a edição, Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_, J.C.P. **Linguística Aplicada Ensino de Línguas e comunicação**. São Paulo: Pontes editores: e Arte Língua, 2007.

\_\_\_\_\_, J. C. P. **Tendências na formação continuada do professor de língua estrangeira**. Apliemge – Ensino e Pesquisa. Publicação da Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, n.1, p. 29-41, 1997.

ARAUJO, Kellita do Carmo. **Interculturalidade e educação linguística crítica**: Diversidade cultural brasileira em livros didáticos de língua inglesa. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagens e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023. Disponível em: < <https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/1193>> acesso em 05 de dez. 2023.

BARROS, C. S.; COSTA, E. G. M. Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol. In: BARROS, C. S.; COSTA, E. G. M. (coord.). **Espanhol: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica, 2010. (coleção Explorando o Ensino, v. 16).

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais**. Conhecimento de Línguas Estrangeiras. Brasil, 2006.

CANTERELI, Juliana Mezomo. GENRO, Maria Elly Herz. **Professores e diversidade na sala de aula**: desconstruindo preconceitos e potencializando cidadania. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 280-297, Mai./Ago. 2016. Disponível em: < <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>



CORBETT, J. **An intercultural approach to English Language Teaching**. Clevedon: Multilingual Matters Lt, 2003.

DONNINI, Livia; PLATERO, Luciana; WEIGEL, Adriana. **Ensino de Língua Inglesa**. Coleção Ideias em ação. Cengage Learnin; 2011.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Ed.). **Intercultural and Interdisciplinary Studies: Pursuits in Higher Education**. Viçosa, M. G.: Arka, 2010. p. 13-34.

JANOWSKA, I. Interculturalidade no ensino de línguas. Contextos polono-brasileiros. **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 42-67, 2020. Paraná; UFPR, 2020.

JORDAO, C. M. O ensino de línguas estrangeiras: de código a discurso. In VAZ BONI, V. **Tendências Contemporâneas no Ensino de Línguas**. União da Vitoria: Kayganguê, 2006.

LEFFA, Vilson José. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: \_\_\_\_\_. LEFFA, V. J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 353-376.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada – suas Faces e Interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a. p.255-270.

MENDES, Edleise. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “en-tre-culturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **Linguística aplicada: múltiplos olhares**.Campinas/SP: Pontes Editores, 2007.

NASCIMENTO, G. **E a história não acabou...** A representação da identidade de classe social no livro didático de língua inglesa. 2016, 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_354467738423e2a85f8d1e521f9eef26](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_354467738423e2a85f8d1e521f9eef26) > acesso em 05 de dez. 2023.

OLIVEIRA, A. P. **O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural no ensino de inglês como L2**. 2007. 238f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2007. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11605?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11605?locale=pt_BR)> acesso em 05 de dez. 2023.

PAIVA, V. L. M. de O. **História do material didático**. UFMG, 2011. Disponível em Acesso em <[www.veramenezes.com/historia.pdf](http://www.veramenezes.com/historia.pdf)> Acesso em dezembro/2023.

\_\_\_\_\_, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Os desafios na produção de materiais didáticos para o ensino de línguas no ensino básico. **Revista (Com) textos Linguísticos**. Vitória, v. 8, n 10.1 p. 344-357, 2014.

PARAQUETT, Márcia. Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol parabrasileiros. In: COSTA, E. G. M; BARROS, C. S (Orgs.). **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2010, p. 137-156.

RAMOS, R. de C. G. O livro didático de língua inglesa para o ensino fundamental e médio: papéis, avaliação e potencialidades. In: DIAS, L. e CRISTOVÃO, V. L. L. (Org). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2009.

ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de línguas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo(Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

SARMENTO, Simone. Revel na escola.: Programa Nacional do livro didático de língua estrangeira. **ReVel**, v. 14, n. 26. 2016.

SILVA, Vanessa Maria da. Formação de professores de língua estrangeira x ensino intercultural – um desafio a ser superado nas letras. **Revista Letras Raras**, v. 4, Ano4, n. 2 – 2015.

SILVA, Victor Ernesto Silveira. A interculturalidade nos livros didáticos de inglês. **Revista Tabuleiro de Letras** – UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH I NÚMERO 03 – dez, 2011.

SILVA, Renato Caixeta da. **Representações do livro didático de inglês**: análise dos discursos de produtores e usuários com base na linguística sistêmico-funcional. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012. Disponível em: <[https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/teses\\_online/Renato\\_Caixeta.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/teses_online/Renato_Caixeta.pdf)>



## CURSO DE LETRAS

### ATA DA SESSÃO DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 13 dias do mês dezembro de dois mil e vinte e três, às 20 horas e 30 minutos, nas dependências da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Nordeste, Unidade Universitária Campos Belos - Goiás, realizou-se a sessão pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA PARA A FORMAÇÃO INTERCULTURAL** de autoria do (a) formando (a) **Laurezy Carvalho de Moura**. Os trabalhos foram instalados pelo (a) professor (a) **Carlos Fernandes Alves** com a presença dos demais membros da Banca Examinadora, Profa. Luciana Nogueira da Silva e Profa. Mariana Rodrigues dos Santos e demais convidados. Após os procedimentos de apresentação, arguição e defesa, a referida banca reuniu-se em sessão secreta para concluir o processo avaliativo e emitir menção final ao conjunto do trabalho apresentado. Os membros avaliadores concluíram pela (X) aprovação; ( ) reprovação do (a) aluno (a) Laurezy Carvalho de Moura, tendo esse alcançado à média 9,0, proclamada em público pelo (a) professor (a) Carlos Fernandes Alves, então presidente da sessão e orientador (a) do trabalho ora apresentado. Nada mais havendo a tratar, a presente ata foi concluída, lida e achada conforme, e vai assinada pelos membros componentes da banca e pelo aluno/autor, às 20 horas e 53 minutos.

*Carlos Fernandes Alves*

Presidente – Prof. Carlos Fernandes Alves

*Luciana Nogueira da Silva*

Membro – Prof. Luciana Nogueira da Silva

*Mariana Rodrigues dos Santos*

Membro – Profa. Mariana Rodrigues dos Santos

*Laurezy Carvalho de Moura*

Acadêmico (a) – Laurezy Carvalho de Moura

Campos Belos – Goiás, dia 13 de dezembro de 2023.

## ANEXO I

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS.

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº XX/2022, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, no repositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação)                | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> Relatório Técnico                     | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro            |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios                     | <input type="checkbox"/> Livro                        |
| <input type="checkbox"/> Revisão de literatura                 | <input type="checkbox"/> Projeto de software          |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional – Tipo: | _____   |

Nome completo do autor: Laurezy Carvalho de Moura

Matrícula: 12018002518

Título do trabalho: **A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA PARA A FORMAÇÃO INTERCULTURAL**

Curso / Programa: Letras – Língua Portuguesa/Inglesa e suas Respectivas Literaturas

Câmpus / Unidade / Polo: Câmpus Nordeste – Unidade Universitária de Campos Belos

Data de defesa: 13 de dezembro de 2023 – às 20h30min

### 2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO<sup>1</sup>

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período poderá

---

1 De acordo com Lattes.

---



ser prorrogado por até 12(doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente? ( ) SIM (X) NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro ? ( ) SIM ( X ) NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica? ( ) SIM (X) NÃO

### 3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.
- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº xx/2022.

Campos Belos – Goiás, 18 de dezembro de 2023

Local e data

*Laurezy Carvalho de Moura*

Assinatura do autor(a)

Laurezy Carvalho de Moura

*Carlos Fernandes Alves*

Assinatura do orientador (a)

Carlos Fernandes Alves